

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

MATRIZES DE CULTURA E IDENTIDADE:
ÁRABES E AMERICANOS APÓS O 11 DE SETEMBRO

Gustavo Fortes Said

Tese de Doutorado
Orientador(a): Dra. Suely Dadalti Fragoso

São Leopoldo, fevereiro de 2006.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

MATRIZES DE CULTURA E IDENTIDADE:
ÁRABES E AMERICANOS APÓS O 11 DE SETEMBRO

Gustavo Fortes Said

Tese de Doutorado
Orientador(a): Dra. Suely Dadalti Fragoso

São Leopoldo, fevereiro de 2006.

DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a minha esposa, Adriana Girio Matos, a minha filha, Laura Matos Said, e a um(a) outro(a) filho(a) que está por vir. São vocês que me fazem enxergar muito além do horizonte intelectual.

Queria dedicar essa tese, também, a meu pai, Carlos Said, que sabe tirar do dever profissional a sua grande fonte de vida e realização pessoal, e a minha mãe, Rochelane Fortes Said (em memória), pela grandeza da sua vida tão simples.

Agradeço, imensamente, aos colegas de curso, especialmente aos que dividiram os bons momentos e os períodos de incerteza, de dúvida e de saudade. Um abraço em todos.

Um agradecimento especial aos funcionários do PPG em Comunicação, pela solicitude sempre demonstrada, e a todos os professores do curso de doutorado, pela dedicação e pela forma generosa e amistosa de transmitir os ensinamentos necessários para a conclusão da tese. Ao professor Dr. Michael Stricklin, hoje aposentado pela Universidade de Lincoln-EUA e residente no Piauí, também a minha gratidão, sobretudo pelas conversas oportunas e pela indispensável indicação bibliográfica.

No entanto, reconheço que se não fossem o esforço, a compreensão e a dedicação da minha orientadora, Dra. Suely Dadalti Fragoso, eu não teria chegado até aqui. Sua orientação, criteriosa, detalhada e paciente, fez com que eu me ativesse a uma série de rigores necessários à execução de uma pesquisa científica. Muito obrigado!

Os árabes não têm pressa

Os árabes, que já eram o “mundo civilizado” quando o Texas ainda era do México e o México ainda era de Montezuma. E divulgaram os algarismos, claro, arábicos – sem os quais nossas empregadas domésticas estariam dizendo ao telefone: “Aqui fala MIC,MIC, XIXI –, a goma também arábica e os arabescos. Seriam incapazes de violência tão evidente – e você sabe do que estou falando. Pois têm tecnologia imemorial, com poder inacreditável, que poderia já ter sido usada para destruição total dos inimigos. Curioso é que os talibãs do mundo ocidental nem percebem isso. Não sabem com quem (não) estão falando.

Os árabes, como já provaram nos séculos em que dominaram a Península Ibérica (ainda é ibérica, pois não?), têm paciência de jôquei. Mas no momento a pressão ocidental sobre eles – sobre o Iraque, o Afeganistão, o Irã, a Síria e a Venezuela (não é árabe? Entra no pacote) – já ameaça a sobrevivência do mundo do Cassius Clay.

Foi por temor à violência do Império do Sol – América do Norte – que os árabes, em tempos mais remotos do que os maremotos, se prepararam pra sua autodefesa. “Plantando”, no império sempre agressor, como obras de arte, milhares de lâmpadas de óleo, ricamente decoradas, sagradas e consagradas, que os poderosos *infiéis* passaram, inadvertidamente, a comprar por altos preços. E conservar como preciosidades e orgulho da decoração de suas mansões.

Dentro de cada uma dessas lâmpadas, muito antes da tecnologia da internet e do Google, profetas e sábios colocaram um Gênio (criação totalmente biológica) com todo o poder conhecido na época e também por inventar. Esse Gênio – por ser super-humano – pode dormir durante séculos.

São todos, em princípio!, gênios do Bem. Não há quem não tenha ouvido uma história (sic) em que um desses Gênios sai de sua lâmpada e tonitroa “Faça três pedidos!” e atende a qualquer pedido do cidadão premiado por essa loteca metafísica.

Os cientistas do ocidente, pra se defenderem da própria ignorância, sempre rotularam essa tecnologia como histórias (sic) das Mil e Uma Noites. Coisas de Sherazades. E nunca atentaram pra que, e com que, forças cósmicas esses Gênios atuariam, já que estão acima de quaisquer limitações do tempo e da matéria.

Pois é. Enquanto isso os Gênios estão dormindo, ignorados, dentro de milhares de casas americanas, não por acaso as mais ricas e prepotentes. E esperam, pra reagirem à agressão e às acusações que recebem, apenas um sinal que, por ironia, pode ser dado pelo inimigo – digamos, uma bomba caindo numa usina nuclear no Irã.

Lâmpadas? Não é só. O Império do Sol ocidental e sua tecnologia militar também aparentemente ignoram, tola e superiormente, o mais maravilhoso meio de transporte aéreo jamais inventado – o tapete mágico. Voa a qualquer altura e velocidade, não necessita combustível – portanto não pode ser acusado de incitar a/à guerra do petróleo – e , em milhares de anos de uso, jamais sofreu uma queda ou falha mecânica nem mostra nenhuma de fadiga de material.

O tapete do Rei Salomão – árabe israelense, veja o Corão – era de seda verde. Em viagens o trono do monarca era colocado nele. Cabia? Ora. O tapete era tão grande que nele cabiam todas as forças militares e servidores civis. E, atentem, mais importante do que isso, também todas as forças espirituais.

Os homens e mulheres ficavam à direita do tapete, os espíritos à esquerda. Quando todos estavam a bordo, Salomão apenas indicava aos ventos aonde queria ir e lá ia ele, tapete, à velocidade que o Rei Comandasse – a do homem, a do cavalo, a do vento, a do raio. Grandes pássaros, de asas abertas, protegiam todos do sol.

No século X a.C., Salomão, como sempre sabiamente, achou prudente fabricar tapetes para exportação (infiltração!) em países do Mal. E hoje milhares de residências e palácios na Europa e na América do Norte têm, em seus soalhos ou paredes, magníficos, e caríssimos, exemplares de Selçuks, Bokharas, Karachis e Shirazes.

Junto a milhares de lâmpadas com Gênios dormitando dentro delas.

Esperando.

O ataque ao Irã.

Ou à Venezuela.

Millôr Fernandes (revista *Veja*, edição 1907, de 1º. de junho de 2005)

RESUMO

A principal questão desta tese diz respeito a quais representações foram utilizadas por distintos produtos culturais para construir as categorias do Ocidente e do Oriente após os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001, justamente num momento em que se intensificaram, na produção cultural industrializada, as referências aos países do Oriente Médio e aos Estados Unidos. Portanto, esta pesquisa tem a pretensão de discutir a formação da identidade de árabes e americanos, destacando as representações que mais apareceram em diversos produtos culturais. Para isso, definiu-se como corte cronológico o período entre o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 e a 2^a. Guerra do Golfo, em 2003. A amostra da pesquisa comportou diversos produtos culturais (como *comics* de super-heróis e literatura de cordel), incluindo também alguns produtos jornalísticos (revistas *Veja* e *The New Yorker*), ainda que, a título de ilustração, o autor tenha também mencionado alguns vídeos, *cartoons*, livros e outros. Como técnica de pesquisa, empregou-se a análise de conteúdo temática, no sentido de verificar quais os temas que mais prevaleceram quando da construção da identidade de árabes e americanos pelos produtos citados. As categorias temáticas que foram definidas e analisadas foram as seguintes: heróis, super-heróis *versus* anti-heróis e vilões; o Bem *versus* o Mal; a pátria *versus* o estrangeiro; comunidade *versus* império. As constatações a que chegou o trabalho de investigação estão centradas na idéia de que, no período aludido, ao invés de somente se repetirem as construções polarizadas do Eu e do Outro, confirmando a hipótese do ‘Choque de Civilizações’, houve também uma troca e um intercâmbio de elementos de matrizes culturais distintas, caracterizando o ambiente de hibridismo cultural tão propalado pelas teorias pós-modernas.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Meios de Comunicação e Cultura. Identidade Cultural.

ABSTRACT

The main focus of this thesis is the representations that have been used in various cultural products in order to construct the categories of Orient and Occident post September 11th, 2001. During the period covered the references to Middle Eastern countries and to the United States increased within industrialized cultural production. Thus, the intent of this thesis is to discuss the identity formation of Arabs and Americans in diverse cultural products, to try to discover what kind of stereotypes were present in the products analyzed. To do this, the time period for analysis was defined as being between the terrorist assault on September 11th, 2001 and the 2nd Gulf War, in 2003. The research sample included diverse cultural products (such as comics books and 'cordel', a typical Brazilian literature form), and also includes some journalistic products (such as *Veja* and *The New Yorker* magazines). The author has even used other sources of examples such as videos, cartoons, books and so forth. This thesis used thematic content analysis as the research technique with the purpose of verifying which themes were preponderant in the construction of the identity of Arabs and Americans within these various products. The thematic categories which were defined and analyzed were the following: heroes, super-heroes *versus* villain and anti-heroes; the Good *versus* the Bad; the homeland *versus* the foreign; community *versus* empire. The findings that have been reached in this thesis are based on the idea that, over the period which was studied, instead of there just being a simple repetition of polarized constructions centered on the SELF and the OTHER, which confirms the hypothesis of "the clash of civilizations", there was also exchange and interchange of distinct cultural matrix elements characterizing the environment of cultural hybridism which is so well supported by post-modern theories.

Key-words: Cultural Studies. Media and culture. Cultural identity.

LISTA DE ANEXOS

| | | |
|---|--|-----|
| A | Em memória da tragédia de 11 de setembro (capa da revista do Homem-Aranha) | 275 |
| B | Impotente, o herói assiste ao desmoronar das torres (trecho da revista do Homem-Aranha) | 276 |
| C | O retorno do herói (capa da revista do Capitão América) | 277 |
| D | Terroristas comemoram o sucesso do atentado (trecho da revista do Capitão América) | 278 |
| E | A verdade assusta (capa da revista da Mulher-Maravilha) | 279 |
| F | Capa do Cordel de Pedro Costa | 280 |
| G | Capa do Cordel de Vânia Freitas | 281 |
| H | Capa do Cordel de Guaipuan Vieira | 282 |
| I | Capa do Cordel de Jovanildo Freitas | 283 |
| J | O embaixador talibã se declara culpado (quadrinho da revista do Homem-Aranha) | 284 |
| K | Uma heroína incompreendida (trecho da revista da Mulher-Maravilha) | 285 |
| L | Heróis participam do resgate às vítimas do atentado (trecho da revista do Homem-Aranha) | 286 |
| M | O bombeiro, o herói de verdade (fotografia publicada pela Revista <i>Veja</i> , edição 1768, p. 50-51) | 287 |
| N | “Coração de um soldado” (contra-capas da revista <i>The New Yorker</i> , de 16/09/2002) | 288 |

| | | |
|----|---|-----|
| O | “Por que o Islã não sente remorso?” (fotografia de matéria publicada pela revista <i>Veja</i> , edição 1768, p. 56-57) | 289 |
| P | “Clone of the Attack.” (cartaz de filme publicado no site <i>Political Humor</i>) | 290 |
| Q | “The Turbanator” (cartaz de filme publicado no site <i>Political Humor</i>) | 291 |
| R | Bush islâmico (foto-montagem disponibilizada no site <i>Bush for Dummies</i> e publicada pela revista <i>Veja</i> , edição 1720, p. 112) | 292 |
| S | “Mr. Been Laden” (foto-montagem publicada no site <i>Political Humor</i>) | 293 |
| T | “Ben Leadin” (foto-montagem publicada no site <i>Political Humor</i>) | 294 |
| U | “Tali-Tubby” (foto-montagem disponibilizada no site < www.joe-ks.com/terrorists.htm >) | 295 |
| V | “O Che Guevara do Islã” (fotografia publicada em matéria da revista <i>Veja</i> , edição 1719, p. 60-61) | 296 |
| W | “Beijos e Bombas” (fotografia de matéria publicada pela revista <i>Veja</i> , edição 1798, p. 52-53) | 297 |
| X | A face do diabo no <i>World Trade Center</i> (imagem retirada de vídeo divulgado na internet) | 298 |
| Y | “O Mulá Bibi Fonfom” (fotografia de matéria publicada pela revista <i>Veja</i> , edição 1722, p. 60-61) | 299 |
| Z | Tio Sam é a morte (cartaz publicado pela revista <i>Veja</i> , edição 1720, p.61) | 300 |
| AA | “Vírus Anti-EUA” (capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1720) | 301 |
| BB | O Mensageiro do Mal (capa da revista <i>Veja</i> , edição 1722) | 302 |
| CC | Bandeiras e Estátuas (capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1798) | 303 |

| | | |
|----|--|-----|
| DD | A bandeira na forma das Torres (capa da edição especial 1768, de <i>Veja</i>) | 304 |
| EE | Dois astros, dois mundos (capa da revista <i>The New Yorker</i> , de 16/09/2002) | 305 |
| FF | O ‘melting pot’ da cultura norte-americana (última página da revista do Homem-Aranha) | 306 |
| GG | “Para entender a complexidade do gênero humano” (publicidade da empresa Benneton publicada na revista <i>The New Yorker</i>) | 307 |
| HH | Estátua da Liberdade coberta com xador (foto-montagem publicada por <i>Veja</i> , edição 1720, p. 112, e disponibilizada no site <i>Bush for Dummies</i>) | 308 |
| II | “Lula vai a César” (capa da revista <i>Veja</i> , edição 1781) | 309 |
| JJ | Responsabilidade globalmente compartilhada (penúltima pág. da revista do Homem-Aranha) | 310 |
| KK | O ‘ideal elevado’ de humanidade (contra-capa da revista da Mulher-Maravilha) | 311 |
| LL | Nova York recolonizada (foto-montagem publicada pela revista <i>Veja</i> , edição 1720, p. 112, e disponibilizada na internet) | 312 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1 APRESENTAÇÃO | 12 |
| 2 INTRODUÇÃO | 22 |
| 2.1 Objetivos e Metodologia | 30 |
| 3 DINÂMICAS DA SOCIEDADE EM REDE: O ISLÃ E O OCIDENTE NA PRODUÇÃO INFORMATIVO-CULTURAL | 40 |
| 3.1 A Produção Informativa após o 11 de Setembro e a Emergência da Mídia Árabe | 49 |
| 3.1.1 Campanha de guerra: americanos <i>versus</i> árabes na mídia | 56 |
| 4 MERCADO CULTURAL E POLÍTICAS DE IDENTIDADE | 71 |
| 4.1 Choque de Civilizações ou Hibridismo Cultural? | 81 |
| 5 DISCURSO, IDENTIDADE E ESTEREÓTIPO | 92 |
| 5.1 Matrizes de Cultura, Identidades e Estereótipos: as Várias Faces do Multiculturalismo | 105 |
| 6 DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA | 117 |
| 7 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>: A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DE ÁRABES E AMERICANOS | 156 |
| 7.1 Heróis, Super-heróis <i>versus</i> Anti-heróis e Vilões | 156 |
| 7.2 O Bem <i>versus</i> o Mal (antiamericanismo e islamofobia) | 176 |
| 7.3 A pátria <i>versus</i> o estrangeiro | 201 |
| 7.4 Comunidade <i>versus</i> Império | 217 |
| 8 CONCLUSÃO | 237 |
| BIBLIOGRAFIA | 258 |
| ANEXOS | 275 |

